

## Comunicação, linguagem e poder em Josef Pieper<sup>1</sup>

Roberto C. G. Castro<sup>2</sup>

**Resumo:** De acordo com o filósofo alemão Josef Pieper, a palavra possui duas funções: mostrar a realidade e comunicá-la a outro. Se a linguagem perde essas funções, ela pode se tornar um meio de manipular as pessoas e torná-las meros objetos de interesses particulares.

**Palavras Chave:** Josef Pieper. Linguagem. Poder.

*Communication, Language and Power in Pieper*

**Abstract:** According to German philosopher Josef Pieper, the word has two functions: to show the reality and communicate it to other. If language loses these functions, it can become a way to manipulate people and to make them mere objects of particular interests.

**Keywords:** Josef Pieper. Language. Power.

Assim como o ser humano é detentor de direitos inalienáveis, a linguagem humana possui uma dignidade que não pode ser ferida. Pelo contrário, ela precisa ser preservada e fortalecida, a fim de se viver uma vida verdadeiramente humana. Mas, apesar de tão importante, da mesma forma como os direitos humanos são sistematicamente violados no mundo contemporâneo, essa dignidade – de que se falará a seguir – também sofre ameaças que podem levar à descaracterização da linguagem, com graves prejuízos para a própria existência do homem. É o que se depreende da leitura de *Missbrauch der Sprache – Missbrauch der Macht*<sup>3</sup> (“Abuso de linguagem – abuso de poder”), do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997).

Segundo Pieper, a palavra e a linguagem são o elemento mediador de toda a existência espiritual. Na palavra é que acontece a existência humana. Por isso, se a palavra se corrompe, o ser humano é também afetado e não pode permanecer intacto.

E essa corrupção da linguagem se dá quando são violadas aquelas duas características responsáveis por sua dignidade. A primeira delas é que na palavra a realidade se torna nítida. Fala-se para tornar conhecível algo da realidade. A segunda é seu caráter de comunicação. Fala-se para comunicar algo (a realidade) a alguém.

A palavra, portanto, é tanto um signo objetivo como um signo para alguém, para aquele a quem a realidade deve ser trazida diante dos olhos, diz Pieper. Quando a palavra não está revestida dessa dignidade – ou seja, quando não é usada para comunicar a realidade a alguém –, corrompe-se a linguagem. A mentira que uma pessoa fala para outra, por exemplo, não pode ser considerada verdadeira comunicação, pois aquele a quem se mente só em aparência participa da realidade. “Corrupção da relação com a realidade, corrupção do caráter comunicativo: essas são as duas formas possíveis de corrupção da palavra”, resume o filósofo de Münster, acrescentando: “Esses dois aspectos da palavra e da linguagem, ainda que distinguíveis, não são separáveis. Não se dá um sem o outro”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Originalmente, conferência do autor no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e professor de Teorias da Comunicação do Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado (Fiam), em São Paulo.

<sup>3</sup> *Josef Pieper Werke*, volume 6, p. 132-151.

<sup>4</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 137.

## **Sofistas, corruptores da linguagem**

Se hoje está tão presente na sociedade contemporânea, a ameaça de corrupção da palavra tem origem antiga. Pieper identifica essa origem no movimento sofístico, que floresceu na Grécia antiga nas últimas décadas do século V antes de Cristo. Conhecer esse movimento, suas intenções e a forma como utilizou a palavra e a linguagem, acrescenta o filósofo, pode nos ajudar a compreender a nossa própria época, uma vez que, como disse Hegel, “a sofística não está tão distante de nós como se pensa”. E foi ainda Nietzsche quem afirmou: “A época dos sofistas, nossa época”.

Pieper destaca que importantes intérpretes da cultura grega antiga – como Werner Jaeger e Bertrand Russel – fizeram uma imagem positiva da sofística. Segundo esses intérpretes, os sofistas foram os fundadores da educação formal no Ocidente, criaram mesmo o conceito de “cultura”, tornaram-se os primeiros humanistas, geniais pedagogos e defensores da liberdade de expressão. Mesmo assim, foram duramente criticados não só por Platão, clássico adversário daqueles mestres da palavra, como também por Sócrates e Aristóteles.

Hegel ocupou-se da disputa entre os sofistas e Platão e trouxe à luz as razões dessa oposição. Ele considera os sofistas pessoas “muito cultas”. Mas precisamente o modo deles de ser culto – uma forma de reflexão que “dissolve todo objeto”, que livre e só mentalmente problematiza tudo dialeticamente – é que constitui o perigo, o “negativo”, o sofístico da sofística. Esse modo de ser culto, de refletir, de raciocinar, continua Hegel, leva os homens a saber que, tendo motivos, tudo pode ser demonstrado e defendido. Para os sofistas, quem não é capaz de ter motivos para justificar até as piores coisas não alcançou ainda o ponto máximo da cultura. E sabe-se que todo o mal do mundo pode ser justificado com boas razões.

A diferença entre os sofistas e Platão, para Hegel, é que a sofística se dedicou a esse raciocínio “culto” que, levado às últimas consequências, pode justificar o pior, enquanto o filósofo grego fixou o pensamento “em algo sólido, que o espírito encontra em si eternamente”.

Por tudo isso, Pieper julga que, na sofística, há uma ameaça correspondente ao nível de consciência, de “cultura”. Quanto mais “culto” é uma pessoa – à moda dos sofistas –, mais perigosa ela se torna, pois é capaz de justificar quaisquer atos, ainda o pior deles. Dessa forma, Pieper reconhece que tudo o que se diz sobre as qualidades dos sofistas – seu humanismo, sua excelente didática, sua contribuição para a liberdade intelectual – é verdadeiro, mas essas qualidades são exatamente o terreno que torna possível o surgimento daquilo que a sofística tem de destrutivo.

Toda a oposição de Platão em relação aos sofistas advém da ameaça que estes representam para a dignidade da palavra, defende Pieper. Reiteradamente, os diálogos platônicos expõem a acusação de Sócrates contra esses mestres do discurso: “Vós pensais que só é preciso se preocupar em falar causando impressão” e, por isso, “sois incapazes de diálogo; vós falais, mas não conversais”. Para Pieper, a linguagem dos sofistas é um discurso que “se emancipa” do objeto e, em razão disso, é uma linguagem “sem interlocutor”.

Mas o que significa “emancipar-se” do objeto? Trata-se, diz Pieper, de indiferença em relação à verdade. Em outros termos, a linguagem não significa outra coisa que relação com a verdade. Conduzir-se pelo objeto é o que constitui a verdade do pensamento e da palavra.

O desvio desse objetivo, o não conduzir-se pelo objeto, leva à corrupção da palavra, à perda da sua dignidade, ainda que formalmente ela seja muito bem formulada. Como afirma Pieper, “algo pode estar ‘maravilhosamente dito’, perfeitamente dito, agudamente formulado, arbatadamente escrito, representado, ence-

nado etc. e, apesar disso, considerado o essencial, ser falso, e não apenas falso, mas mau, mesquinho, miserável, vergonhoso, funesto”.<sup>5</sup>

A respeito disso, é interessante notar a íntima relação que Pieper traça entre o mero cultivo formal da palavra – destituída de sua vinculação com a verdade – e o nihilismo. Quem não relaciona a palavra com a verdade – como faz o sofista Górgias, cujo *Tratado sobre o ser* começa com a expressão “Não há nada” – acaba por considerar que “não há nada” detrás dos fatos e, por isso, não há que contar com o ser que, indicado pela palavra, possuísse uma força normativa e conforme a qual reagiria quem fizesse uso da linguagem.

### **Instrumento de poder**

A utilização da palavra sem a preocupação com a verdade não teria maiores consequências se ela ficasse restrita à pura forma. Entretanto, essa forma de linguagem, separada da raiz da realidade, como diz Pieper, tem outras pretensões, ainda mais graves: ela se transforma em instrumento de poder.

Acontece que, como já foi mencionado, as duas características que dão dignidade à palavra – sua relação com a realidade e seu caráter comunicativo – não são separáveis. Não somente uma se constitui ao mesmo tempo que a outra, mas uma também é destruída quando a outra se desfaz. Quando a preocupação com a verdade na linguagem inexistente, cessa também a verdadeira comunicação. E, ao ser afetada a comunicação, a relação humana entre quem fala e quem escuta se modifica. Quem se dirige a outro manipulando conscientemente a palavra, sem se ocupar expressamente com a verdade, mas visando a algo distinto dela, não trata esse outro como igual, não o respeita propriamente como pessoa humana. “Em sentido estrito, cessa nesse momento de haver um diálogo, uma conversação”<sup>6</sup>, afirma Pieper.

Termina o diálogo e começa o que se chama de “adulação” ou “discurso adulatorio”. Nesse tipo de discurso, o que mais importa não é dizer algo amável a alguém, mas “para que” se diz. Nele, o que fala transmite um discurso não para conceder um favor ao outro, mas para que o outro lhe faça algo.

É isso o que está implícito no conceito de adulação. O outro, a quem se fala para agradar, não é considerado de modo nenhum um sujeito. Mais propriamente, ele é um objeto, um objeto de uma intenção de poder, submetido à manipulação. “Sua dignidade é simplesmente ignorada. Apreciam-se suas qualidades menos respeitáveis, em que se possa apresentar um ponto de debilidade, para fazê-lo funcionar como um instrumento.”<sup>7</sup>

E Pieper insiste: nesse momento, na medida em que a palavra tem um papel, tem uma função – a de adular, a de tornar o outro um objeto –, ela cessa de comunicar realmente algo. Em lugar disso, ocorre uma conversação sem interlocutor que, em contradição com o que é a linguagem, não diz nada, e sim intenta algo. A palavra se desnaturaliza e se degrada em “agente químico”, como diz Pieper, em droga que se ministra ao outro. Converte-se em meio, em instrumento.

### **Adulação hoje**

Não é difícil verificar que a adulação está muito presente no mundo contemporâneo. Pieper chega a se perguntar se há alguma zona da existência que

---

<sup>5</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 138-139.

<sup>6</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 140.

<sup>7</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 141.

esteja livre dela, algum espaço em que não se fale para agradar alguém, a fim de que faça algo, como, por exemplo, comprar alguma coisa.

Pieper reconhece que não ocorre nada seriamente ameaçador se deixo dizerem o que me agrada, a fim de que eu compre algo. Porém, há que se notar que, desse modo, a linguagem perde seu caráter comunicativo, na medida em que se propõe uma finalidade, e não o dizer algo. Há que se notar também – com preocupação – a crescente falta de capacidade de resistência com que o público se deixar agradar.

Para Pieper, o domínio próprio da arte sofisticada de adular se encontra hoje no que se costuma chamar de “indústria do entretenimento”. Não se trata, aqui, de persuadir as pessoas para que comprem um bem de consumo. O que se compra e se consome é o próprio discurso adulatorio. “Eu pago precisamente isto: que me falem o que me agrada”, escreve Pieper. “A mercadoria pela qual estou disposto a pagar o preço exigido consiste não apenas em que se lisonjeiem minhas debilidades, mas que isso ocorra de tal modo que se me oculte o verdadeiro rosto do fato (o que é próprio do conceito de adulação).”<sup>8</sup>

Todo o arsenal dos meios de comunicação se põe em marcha e está à disposição da adulação do público. É claro, reconhece Pieper, que esses mesmos meios podem estar a serviço do discurso verdadeiramente humano, ou seja, também eles podem dar a conhecer a realidade e comunicá-la. Seria até injusto, acrescenta o filósofo alemão, afirmar que na maioria dos casos os meios de comunicação traem e atentem contra essas funções próprias da palavra. No entanto, continua ele, é evidente que, no mundo contemporâneo, cresce o perigo de corrupção conforme se faz mais tentadora a possibilidade de êxito. E não se encontra em perigo apenas um setor particular da sociedade (a imprensa ou a literatura, por exemplo): em perigo se encontra toda a vida social dos homens, que se realiza, como já dito, por meio da palavra. “O que nos ameaça é a ruína da comunicação e o fazer-se publicamente irreconhecíveis a realidade e a verdade.”<sup>9</sup>

Acrescente-se que, para Pieper, é “sumamente difícil”, quase impossível, reconhecer no caso concreto (uma novela, uma peça de teatro, um filme, um comentário radiofônico, um ensaio de crítica cultural) a linha de demarcação em que uma informação que torna nítida a realidade se diferencia da mera manipulação da palavra, usada para obter êxito.

Nas palavras de Pieper:

Ali onde o homem fale intencionalmente lisonjeando se corrompe necessariamente a palavra, e em lugar de uma autêntica comunicação se introduz algo para o que a expressão “relação de poder” é um termo muito positivo. Trata-se de algo como a tirania de um exercício de poder, não baseado em nenhuma superioridade real e a que corresponde, de um outro ponto de vista, uma dependência não fundada na realidade, que poderia se denominar “escravidão”.<sup>10</sup>

## **Persuasão**

A corrupção da palavra se põe a serviço da tirania sob o signo da “propaganda”, conceito que, nas traduções dos textos de Platão, recebe o nome de “persuasão”, destaca Pieper. Entretanto, para o filósofo alemão, essa tradução não dá conta do significado de *peithó*, a palavra utilizada pelo pensador grego. Na *República*,

---

<sup>8</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 143.

<sup>9</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 144.

<sup>10</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 145.

Platão caracteriza a “existência injusta” pela união de *peithó* e *bía*, ou seja, pela conjunção da palavra forçada com a ação violenta.

Portanto, afirma Pieper, prescinde-se de algo muito importante se, ao tratar de *peithó*, se pensa apenas numa conversa amistosa, em publicidade e adulação. Prescinde-se do elemento ameaça. “Precisamente, a maestria no uso propagandístico da palavra consiste em impedir que a ameaça apareça desnuda. Ela pode ser captada, mas ao mesmo tempo é fácil ao ameaçado (e nisso consiste a ‘arte’) crer que, ao se deixar intimidar, faz o que é em si bom e justo e também o que ele ‘realmente’ quer.”<sup>11</sup>

A degeneração do poder político coincide com a corrupção sofística da palavra, que ocultamente a prepara, segundo Pieper. Por isso, é possível detectar o “veneno totalitário”, de forma latente, no sintoma do abuso publicitário da linguagem. E também o envilecimento do homem pelo homem, que se manifesta com os atos de violência física da tirania, começa já no momento, de forma menos alarmante e dificilmente perceptível, em que a palavra perde sua dignidade.

O “desastre” que se produz com a corrupção da palavra é de dimensões imensas, de acordo com Pieper. Não apenas desaparece de vista o verdadeiramente real através dos fatos postos em evidência pela publicidade – de modo que alguém pode conhecer mil detalhes de um assunto, sem captar o seu núcleo ou ter sequer ideia dele –, mas ocorre ainda algo mais desesperador: em lugar da realidade, que desaparece da vista, põe-se uma realidade aparente, uma pseudorealidade que, enganosamente, parece tão real que o indivíduo acaba por já não saber o que é real.

Como diz uma fórmula tardia de Platão, o sofista é um “fabricante de realidade fictícia”, aponta Pieper. Com isso, o pensador grego descreve o que via como propriamente mau na sofística: o uso da palavra de maneira que o âmbito existencial do homem é ocupado por uma pseudorealidade cujo caráter fictício ameaça tornar invisível.

Para Pieper, esse diagnóstico de Platão é de uma consternadora ameaça, pois “outra coisa não ocorre quando, por exemplo, a indústria do entretenimento, em um trabalho publicitário bem pensado, “cria” os ídolos de massas e enche os cartazes publicitários e a imprensa com vazios exibicionismos”<sup>12</sup>.

A esse respeito ainda, Pieper completa:

Não ocorre aqui outra coisa que um falseamento dos verdadeiros bens, mediante o qual o homem médio não apenas não encontra, mas já não busca o mundo real e o homem real. Já não se busca o real porque a ficção convence e basta a perfeita ficção da realidade, criada por um abuso da linguagem. Isso é, segundo Platão, o pior que a corrupção sofística da palavra produziu no mundo humano.<sup>13</sup>

## Princípios

Ao se falar na corrupção da palavra e nos decorrentes prejuízos à existência humana, deve-se ter em vista o bem que se perde com essa deterioração da linguagem. Pieper resume esse bem em três princípios.

O primeiro princípio se refere ao fato de que o “bem do homem” e uma existência humana plena de sentidos consistem em ver as coisas, na medida do possível, tal como elas são e viver a partir dessa verdade captada. O segundo princípio

---

<sup>11</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 146.

<sup>12</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 148

<sup>13</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 148

afirma que o homem – e a sociedade – se alimenta da verdade. A existência é tanto mais rica quanto mais largo e profundo é o mundo que se torna acessível. O terceiro princípio, finalmente, diz respeito à ideia de que o lugar natural da verdade é o diálogo entre os homens. A verdade acontece no diálogo, na discussão, na conversação, na linguagem – ou seja, na palavra. “Assim, a ordem da existência, também a da existência social, se funda essencialmente em que a linguagem está em ordem”, ensina Pieper. “Ao falar da ordem da linguagem, não se está referindo à perfeição formal, mas sim ao falar da realidade da forma menos desfigurada possível.”<sup>14</sup>

Esses três princípios constituem o fundamento da Academia de Platão, a célebre escola que inspira – ou deve inspirar – todas as instituições de ensino superior até hoje, segundo Pieper. O conceito de “acadêmico” segue dizendo algo idêntico através dos séculos, que pode ser resumido nestas ideias: que em meio da sociedade há que deixar livre uma “zona de verdade”, um espaço que abrigue o ocupar-se com independência da realidade, em que, sem impedimentos, se questione, discuta e manifeste qual é a verdade das coisas. A academia, insiste Pieper, é um âmbito protegido expressamente de toda utilização a serviço de certos fins, em que cessam todos os interesses que não a verdade, sejam públicos ou privados, políticos, econômicos ou ideológicos.

Nisto consiste justamente, segundo Pieper, a contribuição da universidade para o bem comum: suscitar, favorecer, alentar aquela total liberdade para revelar, e formular através da linguagem, toda a realidade, que, sabe-se, nunca se termina de conhecer. “Uma vez que ‘acadêmico’ equivale a ‘antissofístico’, isso significa também defender-se contra o que atenta e destrói a pura sinceridade ante a realidade e o caráter comunicativo da linguagem; por exemplo, contra a simplificação partidarista, contra a paixão ideológica, contra toda afetividade cega, contra a tentação da frivolidade formal e a terminologia arbitrária, que exclui o diálogo (...).”<sup>15</sup>

Ao analisar a mídia hoje à luz das análises de Pieper, é forçoso concluir que esse uso deletério da palavra, denunciado pelo filósofo alemão, ganha cada vez mais espaço nos meios de comunicação. Talvez um dos maiores desafios do comunicador do século XXI seja recuperar a dignidade da linguagem, tratando-a como o que realmente é: um meio de revelar e comunicar a realidade.

## **Bibliografia**

PIEPER, JOSEF. “Missbrauch der Sprache – Missbrauch der Macht”, *Werke*, Herausgegeben von Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner Verlag, volume 6, páginas 132-151.

Recebido para publicação em 13-11-12; aceito em 21-12-12

---

<sup>14</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 149

<sup>15</sup> Josef Pieper, obra citada, p. 151